



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito	
Monique de Oliveira Serra	
Michelle de Sousa Bahury	
Luciano Torres Tricário	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataíde Costa	
Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar	
Priscila Francisco da Silva	
Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE	
DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior	
Jéssica Gontijo Nunes	
Juliane Hirosse Malizia	
Mariana Araújo Bichuete Cavalcante	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio	
Márcia Sepúlveda do Vale	
Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling	
Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda	
Gabriel Bonatto Roani	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino	
Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves	
Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA

Fernanda Carvalho Brito

fernanda.brito@ifma.edu.br

Instituto Federal do Maranhão

Barreirinhas – Maranhão

Monique de Oliveira Serra

monique.serra@ifma.edu.br

Instituto Federal do Maranhão

Barreirinhas – Maranhão

Michelle de Sousa Bahury

michelle.bahury@ifma.edu.br

Instituto Federal do Maranhão

Barreirinhas – Maranhão

Luciano Torres Tricárico

tricarico@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí

Balneário Camboriú – Santa Catarina

RESUMO: O presente estudo pretende demonstrar a importância do patrimônio cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas - MA, a fim de evidenciar a importância e o respeito pela preservação da identidade e da memória cultural, no âmbito da literatura e da cultura popular barreirinense. Isso porque o mito perpassa por gerações, vislumbrando os pensamentos e a cultura dos povos, aspectos que identificam o seu modo de observar tanto a realidade, como a memória das pessoas no mundo, marcando, assim a

sua identidade. O estudioso Halbwachs (2006) acentua que a memória cultural de um povo é o maior legado que a população pode possuir. Segundo Barthes (1987) o mito é uma fala, entretanto, não é considerada como uma fala qualquer. Seguindo o mesmo pensamento, tem-se a abordagem teórica de Chauí (2003) que avalia o mito como uma narrativa, uma fala ou um relato que aborda questões acerca da origem dos indivíduos, do mundo, das afinidades entre o homem e seus deuses, entre outros. Tudo isso faz parte da cultura de Barreirinhas, já que revela o jeito das pessoas se relacionarem e se conectarem ao passado e à tradição. Histórias como a “Mãe D’água, Cabeça de cuia, O Cavalo do Bexigoso, O Peixe Encantado, Cabeça de Cavalo, O Menino do Igarapé, Baú de ouro, Lenda dos três Coqueiros, O Gritador, Lobisomem, O Menino Encantado, Mito das Benzedeiras, O Menino Preto, Lenda do Boi” são a forma principal de transmissão e preservação do conhecimento da cultura do povo barreirinense.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Lenda Memória.

ABSTRACT: The present study intends to demonstrate the importance of intangible cultural heritage existing in the myths and legends of the city of Barreirinhas - MA, in order to highlight the importance and respect for the preservation of cultural identity and memory,

within the framework of Barreirinhas literary and popular culture. This is because myth travels for generations, glimpsing the thoughts and culture of peoples, aspects that identify their way of observing both the reality and the memory of the people in the world, thus marking their identity. The scholar Halbwachs (2006) emphasizes that the cultural memory of a people is the greatest legacy that the population can possess. According to Barthes (1987) the myth is a speech, however, it is not considered as any speech. Following the same thinking, one has the theoretical approach of Chauí (2003) that evaluates the myth as a narrative, a speech or an account that addresses questions about the origin of the individuals, of the world, of the affinities between the man and its gods, among others. All this is part of the culture of Barreirinhas, as it reveals the way people relate and connect to the past and tradition. Stories such as “Mother of Water, Cuia’s Head, The Horse of the Beagle, The Charmed Fish, Horse’s Head, Igarapé’s Boy, Gold Chest, Legend of the Three Coconut Trees, The Screamer, Werewolf, The Enchanted Boy, Myth the Black Boy, Legend of the Ox “are the main form of transmission and preservation of the knowledge of the culture of the people of Barreirinhas.

PALAVRAS-CHAVE: Myth; Legend; Memory.

1 | INTRODUÇÃO

O município de Barreirinhas, localizado na mesorregião Norte do estado do Maranhão, e na Microrregião da Baixada Oriental maranhense foi fundado em 29 de março de 1938. Limita-se ao Norte pelo Oceano Atlântico, a leste pelos municípios de Paulino Neves e Santana do Maranhão, ao sul pelo município de Santa Quitéria do Maranhão e a oeste pelos municípios de Santo Amaro do Maranhão e Primeira Cruz.

De acordo com os dados do IBGE (2018) possui uma área de 3.024.019 Km², e conta com uma população estimada de 61.828 (sessenta e um mil oitocentos e vinte e oito) habitantes. A economia do município esta baseada na oferta de bens e serviço atrelados aos setores de comércio, agricultura, pesca, artesanato e turismo.

A cidade possui paisagens naturais, que se tornaram atrativas para o turismo, tais como: dunas, rios, lagoas, manguezais, praias, restingas e vegetações características do Cerrado e da Caatinga. Tal cenário conferiu o título de “portal” de entrada para o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, que atrai milhares de turistas do mundo inteiro ao longo do ano.

Barreirinhas possui cerca de 230 povoados, entre os quais se destacam Vassouras, Mandacaru, Tapuio, Caburé e Atins, por conta das agências de viagem da região comercializarem roteiros turísticos que incluem tais áreas. Povoados como Cantinho e Santo Antônio também fazem parte da rota turística, por serem pontos de passagem ao principal atrativo turístico da região.

O município em questão é conhecido nacional e internacionalmente por conta do acesso facilitado aos Lençóis Maranhenses, rico patrimônio natural. No entanto,

possui também belezas culturais tidas como patrimônio, destacando-se o artesanato em fibra de buriti. Porém, vale ressaltar que também possui um patrimônio imaterial, ainda que pouco conhecido. Trata-se dos mitos e lendas que são passados de geração em geração pela memória oral dos moradores de Barreirinhas, marcando a identidade local.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

O termo mito vem do grego, *mythos*, derivando de dois verbos: *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). *Mythos* designa uma palavra formulada, podendo ser uma narrativa, um diálogo ou um enunciado de um projeto (VERNANT, 2006, p. 172). No senso comum, mito é vulgarmente atrelado à ideia de um erro, uma mentira. Com o advento do positivismo, no final do século XIX, essa noção se parecia definitiva. Entretanto, pesquisas em Etnologia e Religião Comparada, no início do século XX, devolveram à palavra mito o sentido que ela sempre teve nas sociedades primitivas, estendendo-a também ao uso do termo nas civilizações antigas.

Segundo Crippa (1975, p. 15), o mito:

Configura o mundo em seus momentos primordiais; relata uma história sagrada; propõe modelos e paradigmas de comportamento; projeta o homem num tempo que precede o tempo; situa a história e os empreendimentos humanos num espaço indimensionável; define os limites intransponíveis da consciência e as significações que instalam a existência humana no mundo.

Com base em Eliade (2006, p. 11), um sentido ampliado, e por tal motivo, menos imperfeito de mito seria:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente.

O mito na cultura é algo vivo e pulsante. Ao mesmo tempo é produto e instrumento de conhecimento e reflexão de mundo, sobre as relações sociais e históricas. Envolvem os temas e os processos, propagando-os em fluxos em que se desenrola a vida social entre os povos primitivos. Sendo um meio pelo qual o homem se estabelece no mundo. O mito surge desta forma, do anseio de dominação do mundo, com o propósito de afastar o medo e a insegurança (OLIVEIRA; LIMA, 2006).

O termo lenda vem do latim, significando “aquilo que deve ser lido”. Primeiramente as lendas contavam histórias de santos, porém tais noções foram se transformando em histórias que contam a respeito da cultura de um povo e de suas tradições. As lendas servem para dar explicação para tudo, até para coisas sem comprovação científica, como por exemplo, fatos sobrenaturais (SANTOS, 2014).

De acordo com Moreira (2010, p. 57):

Lenda vem do latim *Legenda*, coisas que devem ser lidas. Era o nome dado antigamente às narrativas da vida dos santos. Mas já nos tempos primeiros, a lenda existia destituída do cristianismo, assim como o mito, era transmitida oralmente e misturava fatos reais e históricos com a imaginação.

Como se pode perceber, os estudiosos Santos (2014) e Moreira (2010) seguem a mesma linha de raciocínio sobre a origem da lenda, oriunda do latim e que narra histórias da vida de santos e de deuses, transformada em histórias da cultura e do imaginário do povo, fazendo parte de suas tradições.

Para Moisés (1978, p. 305), a lenda:

Designa toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação popular. Não raro, a veracidade se perde no decorrer do tempo, de modo a substituir apenas a versão folclórica dos acontecimentos. A lenda distinguiu-se do mito na medida em que este não deriva de acontecimentos e faz apelo ao sobrenatural. O vocabulário “lenda” também designava, na Idade Média, os relatos contendo vidas de santos. Com tal sentido, Eça de Queiroz escreveu as “Lendas De Santos”, enfeixadas nas últimas páginas.

A lenda na maioria das vezes é confundida com o mito, sendo diferenciado no fundamento e no confronto. Pode-se inferir que o mito é um conjunto de lendas que se encontra ao redor de um tema central.

Moreira (2010, p. 63) aponta que o mito e a lenda são usados frequentemente sem diferenciação:

Sabemos que o mito tem sido usado com as mais diversas significações. Na atualidade, muitas vezes, é definido como sinônimo de algo, ilusório, fictício, que mantém relação com o que não é verdade. Frequentemente é usado, sem distinção, como lenda, fábula, conto.

Cada povo busca sempre preservar as suas lendas, pois o povo, através delas, conta também a sua história. Elas não podem ser comprovadas pelo empirismo e nem pelo cientificismo, visto que apenas fazem parte da imaginação humana.

Halbwachs (2006) em sua referência ao termo memória, busca um olhar atento para sua dimensão social. Ele aponta que a definição de memória coletiva não é produto de um processo individual, mas sim, um fenômeno social que precisa ser abarcado como um processo de reconstrução do passado.

[...] se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela, nem por isto deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente à sua substância (HALBWACHS, 2006, p. 45).

No entanto, a memória coletiva, termina envolvendo as memórias individuais, sem ser confundidas com elas. Esclarecendo melhor essa questão, o referido teórico aponta: “Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros

meios” (HALBWACHS, 2006, p. 45).

A memória coletiva é reflexo da seleção, interpretação e transmissão de aspectos a partir do ponto de vista de um determinado grupo social (HALBWACHS, 2006). Ele extrapola o caráter seletivo da memória, ou seja, uma memória estruturada em categorias. Desta forma, a memória cultural de um povo é a maior herança que o mesmo pode possuir. Sendo a oralidade responsável por transmitir, divulgar, conservar e defender a riqueza cultural de um povo. Tudo isso engloba a cultura de várias localidades, revelando o modo como as pessoas interagem e se conectam ao passado e à tradição, dando prosseguimento à existência. Essas histórias são a principal forma de transmitir e preservar o conhecimento da cultura, que vêm resistindo, com o passar dos anos, a massificação e suas tendências homogeneizantes.

O termo patrimônio tem sua origem atrelada ao termo grego *patér*, que significa “pai” ou “paterno”. De tal modo que o patrimônio diz respeito a tudo que é deixado pela figura paterna e repassado para suas futuras gerações (SILVA, 2003). Essa herança deixada às futuras gerações pode ser do tipo material ou imaterial. Isso significa dizer que o patrimônio está atrelado às origens de uma sociedade, bem como a ética de uma determinada comunidade (BRANDÃO, 1998).

Das concepções de cultura e de história, ao longo do século XX, culminaram relevantes modificações que refletiram na concepção dos bens considerados patrimônios (ZANIRATO; RIBEIRO, 2006). É por meio do patrimônio que se revela ao mundo a identidade, a cultura, a memória, em que se fundamenta e se norteia a cultura, bem como a ‘criação’ e a ‘reprodução’ dos grupos sociais, como aponta Silva (2012).

A noção de patrimônio, conforme suas origens é resultado da preservação da memória coletiva através de critérios valiosos, culturais e históricos. Todavia, vale ressaltar a importância da consciência e atenção aos problemas que a modernidade pode trazer para as tradições da sociedade, cabendo, portanto, a proteção desses bens históricos e culturais.

A concepção e a importância do patrimônio perpassam sua imaterialidade; o valor do patrimônio vem a ser considerado ‘simbólico’, segundo Silva (2012), estando representado pelos valores abstratos, realizados coletivamente, atribui-se reconhecimento e identidade aos grupos, escoando pela peneira da ‘memória’ e do ‘pertencimento’. Passa a ser relacionado ao valor simbólico, a memória, a identidade e a cultura de um povo e, de acordo com tais particularidades, os bens culturais são inseridos como a categoria do patrimônio cultural, representando valores relativos a um passado vivido, repletos de memórias e lembranças de um povo.

A noção de patrimônio cultural se estende ao imaterial, da junção da diversidade simbólica vivenciada e produzida pelo homem, do seu imaginário, de sua culinária, do saber fazer, seus ritos, mitos e credences, seu artesanato, seus comportamentos e expressões, tornam-se um desafio ao cidadão expandir o conhecimento, bem como mobilizar toda a sociedade para a preservação e a valorização do imenso e rico

patrimônio.

Conforme afirma Fonseca (2000, p. 11):

Falar em referências culturais significa dirigir o olhar para representações que configuram uma 'identidade' da região para seus habitantes, e que remetam à paisagem, às edificações e objetos, aos 'fazeres' e 'saberes', às crenças e hábitos.

Emerge, neste sentido, a ideia de diversidade do patrimônio cultural e, embora que, essa nova e ampla perspectiva não tenha se configurado hegemonicamente, ela revelou questões, como o conhecimento de referenciais da cultura, que passaram obrigatoriamente, a serem abordadas na sociedade. Atualmente, a noção de patrimônio cultural se ampliou e foi incorporado nela todo o chamado 'legado cultural' do povo, "como suas lendas, festas, folguedos, costumes, crenças, manifestações artísticas, etc., tudo o que existe como elemento essencial para o registro da memória individual e coletiva, e que possa contribuir com a formação do sentimento de pertença de uma comunidade" (MACENA, 2003, p. 63).

3 | METODOLOGIA

No primeiro momento, a fim de atingir os objetivos propostos, foi realizado um estudo bibliográfico para fundamentar a respectiva pesquisa. Esse estudo foi essencial para respaldar, cientificamente, a pesquisa, uma vez que uma boa fundamentação teórica aproxima o pesquisador a essência do objeto científico e aos demais elementos que se estruturam em torno do tema e do alcance da pesquisa.

Em seguida, os dados qualitativos de natureza verbal foram registrados por meio de gravação em MP3 para que os dados qualitativos fossem utilizados como base de apoio a fase de análise da referida pesquisa. O instrumento de pesquisa entrevista também foi utilizado para conhecimento das opiniões e ideias dos entrevistados acerca do tema tratado, aplicados aos moradores das comunidades de Santo Antônio, Cantinho e Tapuio, bem como questionário semiestruturado elaborado e aplicado pelos pesquisadores aos turistas da cidade de Barreirinhas, com data e hora marcada, conforme a disponibilidade dos mesmos.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cidade de Barreirinhas tem o turismo de aventura e o turismo cultural como parte da vida da cidade. Os moradores vivenciam a "atmosfera" do turismo pelo intenso movimento e circulação de veículos e pessoas, transitando nas ruas e avenidas. O trânsito desses agentes movimentam a cidade durante grande parte do ano, pois a cidade 'respira' o turismo.

Ao longo da pesquisa de campo uma investigação foi realizada sobre o patrimônio cultural imaterial das comunidades ribeirinhas estudadas a partir dos depoimentos coletados, com a finalidade de conhecer com profundidade os mitos e as lendas do local estudado, os relatos dos moradores e visitantes com base na memória oral.

Uma das comunidades estudada fez parte do contexto histórico da região de Barreirinhas, como a de Santo Antônio, que surgiu no período colonial, e que possui as etnias que compuseram a população brasileira. Uma outra comunidade, a chamada de Cantinho, surgiu a partir da comunidade de Santo Antônio, já que seus descendentes quilombolas resolveram construir sua própria comunidade, transmitindo seus conhecimentos e saberes a outras gerações para perpetuar a cultura. Logo, mesmo que haja o surgimento de outra comunidade, o que torna-se relevante são os laços culturais passados, respeitados e compartilhados entre seus familiares.

Alguns mitos puderam ser ouvidos, registrados e posteriormente analisados. Como exemplo temos um mito da comunidade de Cantinho, que destacamos a partir do relato da moradora ASR: *O Menino da lagoa, peixe encantado, o cavalo do bexigoso, Mãe d'água. Mito da mãe d'água que carregava as pessoas, mãe d'água preta, a gente sabia até, dizem que ele encostava nas pessoas e encantava. Tem também o mito que virou lenda do peixe encantado do peixe dourado que queria tomar minha filha. Nós tivemos uma briga porque ele queria tomar minha filha, eu não podia passar perto de uma casa que meu cabelo arrepiava e minha filha teve muito tempo doente, hoje é aleijada por causa disso. Minha filha era linda, linda, linda.*

Ao passo que com relação às lendas observadas, o morador MPSF, relata: *A lenda do peixe encantado, a lenda do anzol lá no riacho, onde eles colocaram o ouro no tempo dos escravos, tem também a lenda da bonequinha, que só falava com a dona, para outra pessoa era boneca. E pra menina era encantada. Lenda do riacho. A lenda da mulher que jogou o menino no rio e essa criança encantou. Tem a lenda do cemitério. A lenda da ponte. A lenda da criança encantada na lagoa, nos caminhos dos Piaus.*

Uma moradora da comunidade de Santo Antônio identificada como LLM, descreve o mito: *Mito da mãe d'água que aparecia encima da ponte pra quem vai atravessar pra quem vai enterrar seus mortos no cemitério. No cemitério aparecia umas vozes chamando e as pessoas se assombrando, pela noite é difícil as pessoas passarem por lá, esse pedaço que aparecem essas lendas só passam lá as pessoas corajosas, medroso não passa fora de hora, porque é perigoso, porque ali aparece fantasma, coisas de outro mundo que é muito misterioso, as pessoas se assombram com o que aparece lá, é um lugar perigoso, eles falam que é lá que está o ouro enterrado que se deu a lenda e dos fantasmas dos que morreram atrás do ouro. Os antigos sabem muitas histórias.*

O morador JR, de Santo Antônio, relata a lenda: *Lenda do gritador que assustava as pessoas no Carnaubal, porque não tinha antes essa passagem que tem hoje para ir para a Barreirinhas, que era o porto do banha, que ainda não existia. Nós andávamos é pelo Carnaubal e lá tinha esse cantador que aparecia depois das cinco horas da tarde e ninguém mais podia passar por lá, porque quando o gritador passava assombrava todo mundo de lá. Saindo da Vila São José de poeira tinha um outro gritador, que aparecia pra muitas pessoas e assombrava muito o povo naquela época. Isso quem*

me contava muito era minha avó. Eu que andava por aqui que era garotinho e que depois das cinco horas eu não fazia mais nenhum favor pra cá pra este lado daqui, com medo disso ai.

No rio aparece a Cabeça de cuia, aqui no Igarapé do santo Antônio onde os escravos fizeram as primeiras moradias deles tinha também essa lenda tinha uma corrente quando os pescadores ia pescar, os ribeirinhos as correntes batiam no fundo d'água que assustava todo mundo. As correntes pareciam que estavam encima do chão se arrastando como uma corrente grossa. Minha avó me contava tudo isso porque ela nasceu e se criou aqui. Ela era descendente de escravo e eu estou com 58 anos e quando eu era garotinho e já ouvia algum tipo de coisa desse tipo por aqui. Então, a lenda do povoado aqui é meio misteriosa no Santo Antônio.

Em outro povoado conhecido como Tapuio, a residente MCSL contou o mito: quando eu me entendi minha mãe já falava que aqui era terra de índio e também outra história que o nome dele era Geraldo e que ele tava na beira do rio, e que as mães d'água encantaram ele e levaram, quando chegou lá chefe perguntou se tinham verificado ele, ai disseram que não, mas ele era queimado, e eles não aceitam gente queimado, vão deixar ele lá onde vocês acharam, eles ficaram com tanta raiva que eles não deixaram ele no porto, eles foram dentro do Giquiri, que é só espinhos, quando deram vê dele gritando, então rocaram e tiraram ele. Isso aconteceu aqui no Tapuio e a outro foi que o pai dele deu ele pra mãe d'água e ele se encantou na lagoa, maré tava seca bem no meio da canela e aconteceu isso, aconteceu memo.

A supracitada residente também narrou a lenda: O peixe que aprece mais no inverno, mas que esses tempos ele não aparece, as vezes custa. Só que quando ele aparecia morria gente afogado.

A existência de lendas e crenças nas comunidades estudadas em Barreirinhas - MA e relatadas pelas pessoas que vivem em torno do rio Preguiças, como a da Mãe D'água, Peixe Encantado, Cabeça de Cuia, Lenda do Baú de Ouro, Menino do Igarapé, Menino Encantado, entre outros, estão ligadas ao *habitat* e às condições socioculturais da região. Portanto, estas histórias estão, em sua maioria, relacionadas principalmente com a água, a prática da pesca, a fauna e a flora características desta região, pois nada do que ocorre em uma história popular, uma lenda, ou um mito, ou quaisquer outros traços que identificam um lugar, pode ser considerado como algo supérfluo, e por isso tudo faz parte da cultura popular dessas comunidades ribeirinhas do município de Barreirinhas.

No tocante preservação e popularização da literatura oral a comunidade de Cantinho, os moradores reafirmam a importância das histórias contadas, pois estas fazem parte da cultura quilombola e, que devem ser divulgadas para os turistas e toda a comunidade local que deve saber, pois aqueles que fizeram os relatos já não estão entre os vivos. Eles comentam também que essas histórias são importantes e devem ser gravadas em CD e escritas em livros.

Na comunidade Santo Antônio, os moradores compreendem a relevância de

divulgar os mitos para as gerações futuras, pois muitos em sua comunidade não compartilham esses traços culturais e identitários. Entretanto, alguns acham importante que alguém fale e aplique entrevistas com eles para que continuem o processo de preservação da cultura local, o que aconteceu em seu povoado. O propósito comum à essa comunidade é a possibilidade de que essas histórias sejam contadas a gerações futuras.

A cultura popular e o folclore, de uma maneira geral, representam aspectos culturais próprios da região na qual são construídos e difundidos, ou seja, eles têm vida própria (CASCUDO, 1972). São, por assim dizer, espelhos da própria identidade cultural da população e permitem compreender aspectos de sua concepção de mundo.

A comunidade de Tapuio evidencia a importância da divulgação da literatura oral, porque ela carrega consigo pistas sobre os fatos e acontecimentos, ditos pelos seus ascendentes que costumavam se reunir em suas portas sentados ao chão. Essa, além de ser uma das expressões mais antigas de contar histórias populares da literatura oral, é uma forma de saber quem foram os protagonistas que viveram essas histórias em meio aos mitos e as lendas da região.

Uma vez estabelecida a relação entre folclore, lendas, histórias e a identidade cultural de um povo, e em se tratando do debate sobre o nascimento da identidade cultural, é possível compreender a ligação entre as lendas, mitos e os mecanismos do Inconsciente (SOUSA, 2006).

Assim, quando o turista segue em busca do turismo cultural, encontra aquele em que o principal atrativo é algum aspecto da cultura humana, seja ele a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro aspecto que o conceito de cultura abranja conforme Barretto (2000). E o turista aproveita a viagem para conhecer pessoas, tradições, histórias e aprender sobre o passado de maneira viva e autêntica, o que tem tornado essa experiência como uma das mais fortes tendências na atividade turística na pós- modernidade.

De acordo com o relato dos turistas, a respeito do interesse em conhecer o patrimônio cultural imaterial (mitos e lendas) quando viajam, estes discorrem que:

R do C	<i>Importantíssimo, porque isso quer mostrar a cultura local, isso que está embutido nesses mitos e lendas.</i>
M.D.R	<i>Porque la naturaleza es importante, pero la cultura es tan o más importante. El contexto cultural.</i>
F.I.D.M.	<i>Sim, visitar um local turístico impressiona e marca o visitante por completo.</i>
R.N.Q.	<i>Importante não seria a palavra. Acho curioso e como disse gosto de conhecer histórias.</i>
C.A.S.Q	<i>Sim, para conhecer melhor as histórias da região</i>
T.C.F	<i>Sim, para aprendermos mais sobre nosso país.</i>
I.S	<i>Sim, para futuras gerações se beneficiarem</i>
N.S.G.M.	<i>Sim, curiosidade e cultura geral.</i>

I.K.R.	<i>Com certeza, porque está na esfera das crenças, da fé de uma comunidade. E porque é poético, curioso também.</i>
J.L.F.O	<i>Sim considero, mas por curiosidade.</i>
AJGM	<i>Sim, isso manterá as comunidades sempre vivas. Os mitos e as lendas contam o que o povo crê e sente.</i>

Perante a possibilidade de apreciação e/ou participação das diferentes atividades que poderão ser classificadas como turísticas através das manifestações culturais como produto turístico, concordamos com Beni (2004, p. 89) quando afirma que “o turismo contribui para preservar valores culturais que também possui valor específico para o turista”.

Destarte urge ressaltar que conhecer o patrimônio cultural imaterial (mitos e lendas) da região que alguma pessoa se dispõe a visitar, o maior interesse se dá em conhecer a cultura, uma vez que o local visitado pode impressionar e marcar para sempre o que foi vivido pelos visitantes. E que ao conhecer essas histórias da comunidade visitada, os turistas aprendem sobre a região, assim como sobre o país. E esta esfera de crenças, mitos e lendas, mostram o que o povo crê e sente.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se que, as comunidades em que a população enfrentava crise econômica e que possui um potencial turístico com chances de ser explorado, utilizam-se do turismo como uma das alternativas de movimentar a economia local e ao mesmo tempo preservar os recursos naturais e culturais. Dessa forma, um estudo com o intuito de investigar o uso das potencialidades turísticas da cidade de Barreirinhas - MA, como um fator importante para o desenvolvimento da cidade, é ao mesmo tempo oportuno e relevante, haja vista que questões relacionadas aos benefícios que o turismo pode representar para sobre as comunidades receptoras vêm sendo alvo de constantes especulações por parte de especialistas na área de turismo.

Assim, por meio de pesquisas bibliográficas, compreende-se que os mitos e as lendas são transmitidos oralmente e que envolvem fatos históricos com a imaginação popular. Ainda assim, mitos e lendas são traços da formação da identidade da cultura das comunidades ribeirinhas, e, portanto, encarados como manifestações e expressões numa tentativa de explicar a realidade vivida pelo povo.

Nas comunidades pesquisadas, foi possível compreender que as constantes rupturas e continuidades são um constante processo de mudanças de referenciais culturais. Daí a importância da preservação do Patrimônio Cultural Imaterial, o qual é essencial no processo do Turismo Cultural. Logo, cada comunidade (Cantinho, Santo Antônio, Sobradinho, São Domingos, Atins, Mandacaru e Tapuio) possui um Patrimônio Cultural Imaterial marcado por suas características ímpares, as quais necessitam ser preservadas e acessíveis dentro do processo do turismo cultural, pois os mitos e as

lendas sempre estarão presentes na vida humana, sendo disseminadas de geração em geração.

A interpretação do patrimônio imaterial dos cidadãos é fundamental para o entendimento e desfrute do visitante, e ela deve ser estimulante e criativa. Afinal, os visitantes querem descobrir a trama humana e social que perpassa pela história de um lugar, e não apenas informações gerais como nomes e datas. Tal interpretação pode ser feita de diversas maneiras e pode envolver mídias e suportes diferenciados de veiculação.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Bertrand Brasil – DIFEL, 1987.

BRANDÃO, Carlos Antônio L. **Da etnologia ao sentido de patrimônio**. Texto em primeira versão (mimero), 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Póla Civelli; revisão Gerson de Souza. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Identificação e Documentação. **Inventário nacional de referências culturais**: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: IPHAN/DID, 2000.

HALBSWACHS, Maurice. **Mémoire collective**. [Memórias coletivas]. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Atlas do desenvolvimento humano do Brasil**. Disponível em: <<http://www.braziltour.com>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

MACENA, Lourdes. Festas, danças e folguedos: elementos de identidade local, patrimônio imaterial do nosso povo. In: MARTINS, Clerton (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1978.

OLIVEIRA, S. M.; LIMA, A.S. de. O Mito na formação da identidade. **Dialógica** (Manaus), Manaus, 31 jul. 2006. (Dissertação) Universidade Federal da Amazônia – UFAM, 2006.

SANTOS, Artur Filipe. **Lendas tradicionais de Portugal**. Porto: Ed. Universidade Sénior Contemporânea, 2014.

SILVA, Fernando Fernandes da. **As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. São Paulo: Petrópolis, 2003.

SILVA, Sandra Siqueira da. Patrimonialização, cultura e desenvolvimento: um estudo comparativo dos bens patrimoniais: mercadorias ou bens simbólicos? **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio- PPG- PMUS Unirio/MAST**, v. 5, n. 1, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. **O mito e a sociedade na Grécia antiga**. Trad. Myriam Campello. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO, Wagner Costa. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **USP/Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 26, n. 51, p. 251-262, 2006.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1



9 788572 473781